

Estudo Nº 1, em 08 de novembro de 2015

A DOCTRINA DA AUTORIDADE E A SOBERANIA DAS ESFERAS

Este material é dirigido às famílias da IBRVN, que poderão seguir o roteiro proposto, estudando e discutindo o conteúdo apresentado.

Ao longo do estudo, pode-se anotar dúvidas, fazer perguntas, e extrair algumas conclusões.

Tenha em mente também o encontro presencial, buscando contribuir de forma positiva com suas conclusões.

Roteiro:

1 – Atividade preliminar

Recomenda-se que façam a seguinte leitura de textos, em conjunto. Procure distribuir a leitura para cada membro e certifique-se de que houve um entendimento correto do texto.

Romanos 13: 1-10

Romanos 1:28-31

At 4.19

Atos 5.29

2 – Assista ao vídeo do Pr. Augustus Nicodemus, “Submissão às Autoridades”, da Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia, pregado em 05/10/2014, baseado em Romanos 13:1-10.

Link → <https://www.youtube.com/watch?v=H0WLGuskqmw>

3 – Leituras recomendadas

É fundamental que sejam feitas as seguintes leituras, em conjunto, num horário reservado e adequado para criar um ambiente propício ao estudo e discussão.

1. Guia IGR_003 – Autoridade na IBRVN, principalmente os itens 1, 2 e 3, cujos títulos são: Autoridade Suprema, Autoridade Derivada e Soberania das Esferas.
2. Confissão Belga – Artigo 36
3. Catecismo de Heidelberg – Pergunta 104
4. Catecismo Maior de Westminster - Perguntas de 123 a 130
5. Confissão de Fé Batista de 1689 (capítulo 1, artigos 1, 4, 6 e 10)



Esses materiais estão disponíveis a todos os membros, no site da IBRVN Online (<http://online.ibrvn.com/guias>), mas também estão disponíveis no Dropbox, em “materiais de apoio”.

4 – Leia o seguinte Resumo e discuta com a família

De maneira bastante simples, podemos entender autoridade como o direito ou poder de se fazer obedecer.

Obviamente, Deus, sendo o Criador Onipotente, tem todo o *direito* e o *poder* para Se fazer obedecer. Ele tem todo o direito sobre suas criaturas e todo o poder sobre toda a criação. Ele é o único que tem autoridade suprema, intrínseca, absoluta e ilimitada. Todas as demais autoridades são derivadas, relativas e limitadas. São meios pelos quais Deus exerce a Sua autoridade suprema. As autoridades derivadas têm esfera de ação limitada e algum poder para o exercício dessa autoridade (Rm 13.4; Jo 19.10,11).

Sendo Deus, o Criador Onipotente, a única autoridade suprema e absoluta, Sua autoridade é intrínseca e soberana, isto é, tem origem em Si mesmo, pertence apenas a Ele mesmo, porque só Ele é Deus e tem o controle absoluto sobre a Sua criação. Sendo a suprema autoridade, Ele Se comunica conosco para que possamos obedecê-Lo.

[OBS.: Se considerarmos que a aquisição de conhecimento (objeto da epistemologia ou gnosiologia) advém, basicamente, de quatro fontes: razão, empirismo, intuição e autoridade (Thomas, J. D.; Razão, Ciência e Fé, Ed. Vida Cristã, São Paulo, SP, 1984), veremos que esta é fundamental para a segurança do conhecimento que adquirimos. De forma extremamente simples poderíamos dizer que: A razão trabalha com informações que estão em nossa mente (raciocínio). O empirismo trabalha com aquilo que podemos perceber através dos nossos sentidos (observações e experimentos). A intuição é o conhecimento imediato (percepção direta). A autoridade trabalha com informações que nos chegam através de outros (provas e testemunhos). Geralmente, nosso conhecimento de tudo o que acontece fora do lugar ou do tempo em que estamos nos chega através da autoridade (embora, hoje também possamos estar artificialmente “presentes” por meio de equipamentos!). Mas, há outros tipos de conhecimento importantes que nos chegam por outros meios. P. ex.: os conhecimentos advindos das chamadas Ciências Naturais baseiam-se no empirismo e na razão (e, indiretamente, na autoridade daqueles que se utilizaram do empirismo e da razão). Todavia, a confiabilidade das informações está, no final, diretamente ligada à confiabilidade da autoridade que nos fornece a informação ou o conhecimento.]

O conhecimento seguro das realidades espirituais, obrigatoriamente advém, em última análise, da *autoridade*, já que não podemos obtê-lo pelas outras fontes. O cristianismo tem por base a *revelação* de Deus (aquilo que Ele nos dá a conhecer sobre Si e sobre a criação), e a revelação tem por base a Sua própria *autoridade*. Deus é a única fonte de informações absolutamente confiável; é a única *autoridade absoluta*. Embora a *revelação natural* nos ensine algo a respeito de Deus (Rm 1.20), ela não é suficiente para nos mostrar o caminho para a comunhão com Ele. A *revelação especial* (Bíblia) é absolutamente imprescindível. Portanto, quando falamos na autoridade



suprema de Deus, estamos estabelecendo a autoridade final da Sua Palavra (*Sola Scriptura*).

Assim sendo, conforme o Guia_003 da IBRVN (item 1.4), “o exercício da autoridade do Rei, como Mestre e Senhor, é feito por meio da observância de Suas orientações contidas na Palavra de Deus, escrita pelo Espírito Santo por intermédio dos apóstolos e profetas.”

“O juiz supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas devem ser resolvidas e todos os decretos e concílios, todas as opiniões de escritores antigos e doutrinas de homens devem ser examinadas, e os espíritos provados, não pode ser outro senão a Sagrada Escritura entregue pelo Espírito Santo. Nossa fé recorrerá à Escritura para a decisão final’ (CFB 1689 – cap. 1– art. 10)”.

Aparentemente, existe em nós uma tendência natural para não obedecer. “A mente humana se esquiva da submissão, e só com dificuldade suporta ver-se forçada ao comando de outro” (J. Calvino; *Efésios*, Editora Fiel, São José dos Campos, SP, 2007, pág. 143). Temos que aprender a ser submissos, não apenas ao Senhor, mas também às autoridades que Ele colocou sobre nós (Mt 11.29, 30; Hb 12.4-11). O espírito de rebelião parece ser inato nos seres humanos [... do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos, outrora...] (Ef 2.2,3). “Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes...” (Tt 3.3)]. Todavia, não basta apenas seguir a orientação das autoridades. Além de ser voluntária, a submissão deve ser exercida com boa vontade e dedicação, “como ao Senhor” (Ef 5.22; 6.7; Cl 3.23). Só assim Deus é glorificado.

Por outro lado, parece ser natural a tendência humana de tentar fazer com que outros façam aquilo que queremos, ou seja, parece haver uma tendência natural para mandar, dar ordens, dirigir ações ou tomar decisões, particularmente quando há algum interesse envolvido. Quando são decisões que afetam a própria vida, isso é mais evidente (“Na minha vida mando eu” ou “Eu sou o senhor da minha vida”). Embora a tendência natural pareça ser a de exercer autoridade (a criança quer dar ordens), isso também precisa ser aprendido, já que o natural seria querer fazer prevalecer a própria vontade (ou “tirar proveito”). Mas, “os padrões deste mundo e os critérios do Senhor Jesus Cristo são, de fato, largamente diferentes. São mais do que diferentes, são diametralmente contrários” (J. C. Ryle, *Meditações no Evangelho de Mateus*, Editora Fiel, São José dos Campos, SP, 1991, pág. 169). Portanto, precisamos aprender também a exercer autoridade (Mt 20.25-28). A autoridade deve ser exercida como a de um pai amoroso. “O modelo para toda autoridade derivada são os pais, conforme apontado pelo quinto mandamento. Ou seja, o exercício de qualquer autoridade deve conter o amor e cuidado, além da severidade e disciplina, que bons pais exercem sobre seus filhos” (Item 2.4 do Guia IGR_003 da IBRVN). O exercício da autoridade, como Deus quer que seja exercido, precisa revelar interesse e cuidado para com aqueles sob nossa responsabilidade (Rm 13.7; Ef 5.25; 6.4; Cl 3.19,21; 4.1; 1 Pe 3.7).



É necessário, portanto, que haja aprendizado tanto para a liderança (exercício de autoridade) como para a submissão (obediência à autoridade)

- Exercício de autoridade – utilização da posição (chamado) para fazer a vontade de Deus.

- Submissão – obediência (chamado) para que seja feita a vontade de Deus.

- A causa ou a raiz de não agirmos dessa maneira é a nossa tendência carnal à rebeldia e ao proveito próprio.

5 – Aplicação (vida na prática)

1. Levantar situações, de forma prática, onde se possam aplicar esses ensinamentos.
2. Ler a Bíblia, meditar e orar todos os dias, para *conhecer* melhor a Deus e *aprender* a ser mais *submisso* a Ele.
3. Aprender a *exercer autoridade* e a *submeter-se*. Aprender o *como* e o *porquê* (a forma e a motivação).
4. *Obedecer* às autoridades (Rm 13.1; Tt 3.1; I Pe 2.13,14).
5. *Orar* pelas autoridades (I Tm 2.1,2).
6. *Cuidar* bem daqueles sob nossa responsabilidade (Hb 13.17; I Pe 5.7; Cl 4.1; Ef 5.25; Tt 2.4).